

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: DO INSTRUMENTO AVALIATIVO A UMA NOVA CONCEPÇÃO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

PEDAGOGICAL DOCUMENTATION: FROM THE EVALUATION INSTRUMENT TO A NEW CONCEPTION
FOR EARLY CHILDHOOD EDUCATION TEACHER TRAINING

Giovana Alonso¹

Andrea Braga Moruzzi²

RESUMO: Este artigo apresenta os delineamentos teóricos e os principais resultados de uma Pesquisa de Iniciação Científica. Contemplando o tema da Documentação Pedagógica, buscou-se compreender este recurso não só como instrumento, mas também como concepção da prática e da formação de professores de crianças pequenas. Buscou-se compreender de que forma os professores da Educação Infantil, ao registrarem o cotidiano de suas práticas e da experiência de suas crianças, formam-se num contexto de observação, registro e reflexão, pilares para a construção da Documentação Pedagógica. O Trabalho foi realizado metodologicamente a partir de uma pesquisa bibliográfica de revisão de literatura, tendo por objetivo demonstrar as potencialidades da Documentação Pedagógica e suas bases epistemológicas: as ideias de Loris Malaguzzi e as práticas de Reggio Emilia. Neste trabalho, além de analisar as potencialidades dos tipos de registros necessários para a produção da Documentação Pedagógica, buscou-se valorizá-la como instrumento que visibiliza e valoriza a experiências das crianças e dos professores em contextos educativos. “De que forma a Documentação Pedagógica pode potencializar os contextos institucionais de Educação Infantil?” é a pergunta que buscou-se responder.

Palavras-chave: Documentação Pedagógica; Papel Docente; Práticas Docentes; Educação Infantil.

ABSTRACT: This paper presents the theoretical outlines and the main results of a Scientific Initiation research. Contemplating the theme of Pedagogical Documentation, we sought to understand this resource not only as an instrument, but also as a conception of the practice and training of teachers of young children. We sought to understand how the teachers of kindergarten, when recording the daily routine of their practices and the experience of their children, are formed in a context of observation, registration and reflection, pillars for the construction of Pedagogical Documentation. The work was carried out methodologically from a bibliographic research for literature review, aiming to demonstrate the potentialities of Pedagogical Documentation and its epistemological bases: the ideas of Loris Malaguzzi and the practices of Reggio Emilia. In this paper, besides analyzing the potentialities of the types of records necessary for the production of Pedagogical Documentation, it was sought to value it as an instrument that makes visible and values the experiences of children and teachers in educational contexts. “How can Pedagogical Documentation enhance the institutional contexts of Early Childhood Education?” is the question we sought to answer.

Keywords: Pedagogical Documentation; Teaching Role; Teaching Practices; Early Childhood Education.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, pesquisa educação infantil e Sociologia da Infância.

2 Docente do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas, do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar. Atua no curso de Pedagogia da UFSCar, nas áreas Educação Infantil e Sociologia da Infância.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida no período de 2017-2018, contemplada com bolsa pelo Edital do Programa de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC-CNPq. O tema da Documentação Pedagógica surge após o desenvolvimento de uma primeira pesquisa de Iniciação Científica, também contemplada com bolsa pelo PIBIC-CNPq, na qual tinha-se por objetivo observar e analisar a forma como uma turma de crianças de uma instituição de Educação Infantil experimentavam um kit de Robótica.

Além dos resultados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa, este artigo busca apresentar as possibilidades e potencialidades da Documentação Pedagógica no contexto da Educação Infantil, num movimento de análise e exploração do referido tema. Para fundamentar teoricamente esta pesquisa, foi preciso dar ênfase aos sujeitos pertencentes à Educação Infantil que se esteve analisando, situando-os no tempo e espaço pertinente à esta discussão.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica brasileira e a matrícula de crianças pequenas nesta instituição é obrigatória a partir dos 4 anos de idade. Dividida em creche e pré-escola, a Educação Infantil constitui-se como espaço de cuidado e educação de crianças dos 4 meses aos 5 anos e 11 meses de idade (BRASIL, 2010). Uma ilimitada variedade de práticas compõe o repertório cultural e educativo das instituições de Educação Infantil, dentre as quais destacamos as que subsidiam o trabalho do professor e seu papel como agente formador e as que permitem as vivências e experiências compartilhadas entre as crianças que dela fazem parte. A Documentação Pedagógica é identificada como uma dessas práticas educativas que caracterizam o cotidiano e o contexto das instituições de Educação Infantil e por isso revelou-se, neste estudo, um fortalecedor deste espaço.

Compreendeu-se Documentação, com o auxílio dos estudos de Marques (2009, 2011, 2015) como uma atividade de elaboração, pesquisa e difusão de documentos para qualificar a proposta pedagógica da Educação Infantil enquanto prática reflexiva de formação contínua. A autora procura enfatizar a necessidade de um trabalho coletivo entre docente e crianças, ambas construtoras de suas vivências, e experiências, de suas culturas, evidenciando o papel desses dois agentes nos processos que permeiam seus contextos.

Reforça-se a necessidade da construção de uma proposta pedagógica para a criança pequena que seja de qualidade e que de fato possa transformar realidades, no sentido de sustentar propostas pedagógicas que sejam condizentes às necessidades das crianças e às realidades das instituições de Educação Infantil. A prática de documentar vem sendo colocada em pauta em pesquisa e debates da área da Educação Infantil, no que diz respeito à construção de narrativas, comunicação, avaliação e formação de professores, compreendendo-a necessária para a consolidação de uma proposta de aprendizagem enriquecedora (MARQUES, 2009, 2011, 2015; OSTETTO, 2012, 2017; MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017; HOFFMANN, 2012).

Fotos, filmagens, registros escritos, diários de campo, diários de aula, desenhos, painéis e portfólios seriam algumas das muitas possibilidades para a Documentação na Educação Infantil e o propósito de comunicação. Além da comunicação, a Documentação é, também, o instrumento ideal para que o docente, enquanto profissional da educação, analise e modifique sua própria prática a partir de reflexões,

comprometidas com o desenvolvimento da turma de crianças com que atua, com a prática dos demais docentes com que trabalha – a partir da troca de informações e de experiências – e com a instituição da qual é integrante e colaborador. Corroboramos com Marques (2011, p. 416-417) para sintetizar a ideia de documentação que se pretende deixar clara:

Em linhas gerais, podemos conceituar *documentação* como *sistematização do trabalho pedagógico*, produção de memória sobre uma experiência, ação que implica a seleção e organização de diferentes registros coletados durante o processo. (...) A documentação pode ser considerada *práxis reflexiva* sobre o projeto e sobre a vivência, processo ligado à programação e à avaliação, à experiência, mas dotado de especificidades: a documentação como *elaboração da experiência* que faz emergir o *sentido* do vivido, o conhecimento do processo e a identificação do referencial teórico-metodológico da ação.

Marques (2009, 2011, 2015) faz uso de diferentes autores reconhecidos enquanto pensadores de uma educação de qualidade e transformadora, além de outros que se propuseram a pensar a educação sob uma nova ótica frente às mudanças da sociedade moderna. Madalena Freire (1996) e Zabalza (1994) são exemplos de teóricos utilizados por Marques (2009, 2011) para entender a documentação como prática de planejamento, observação e reflexão a partir de registros de prática e diários de aula. Maviglia (2000) conceitua os registros e a prática da documentação pela ferramenta denominada “diários de bordo” e Oliveira-Formosinho e Azevedo (2002) indicam a utilização de portfólios para registrar e acompanhar o desenvolvimento infantil.

Loris Malaguzzi (1999) é a fonte inesgotável de Marques (2009, 2011, 2015) ao especular e postular a prática reflexiva da documentação na Educação Infantil. A proposta do pedagogo italiano e desenvolvida nas instituições municipais da região de Reggio Emília, no norte da Itália, difundiu-se em dimensão mundial enquanto necessidade de inovação na Educação Infantil pós-segunda guerra mundial, numa perspectiva pedagógica e social de “educar para a paz”.

Em Reggio Emília, a documentação tem sido vista como observação aguçada e atenta, registrada de diversas formas pelos educadores que compartilham de muitos pontos de vista e teorias pessoais que influenciam aquilo que veem e escutam. Gandini e Edwards (2002), com a obra “*Bandini: a abordagem italiana à educação infantil*”, são referenciais para os estudiosos que buscam compreender as instituições infantis sob a perspectiva reggiana, assim como àqueles que procuram alternativas para as realidades locais nas quais se inserem.

Há duas maneiras pela qual é possível vislumbrar-se a documentação: o referente à sua concepção e o referente aos seus tipos. Partindo do primeiro, apoiando-se no trabalho de Gandini e Goldhaber (2002), é possível entendê-los como processos de reflexão e planejamento, como práticas que dão sentido à ação docente na Educação Infantil. Por considerar que o tema que se esteve trabalhando tratava-se mais de uma concepção que de uma técnica, passou-se a grafar Documentação Pedagógica – em letra maiúscula – nos relatórios e trabalhos que foram sendo produzidos e apresentados durante esta pesquisa.

Objetivando analisar a Documentação Pedagógica, visou-se compreender suas potencialidades formativas para o professor da pequena infância, além de seu papel

como integrador das relações e situações cotidianas nas instituições de Educação Infantil. Além disso, buscou-se analisar a especificidade de cada registro utilizado no processo de Documentação – registros produzidos em diferentes perspectivas: do ponto de vista das crianças e dos adultos, através de uma visão macro do ambiente e micro das atividades), sejam eles as fotos, desenhos, narrativas de crianças e docentes – mapeando suas possibilidades e limitações e buscando entender como os mesmos se constituem como “Documentação Pedagógica”.

A pesquisa em questão demonstrou em seus objetivos a possibilidade de compreender e alcançar a formação de professores, no caso, professores da Educação Infantil; por não se tratar de uma pesquisa experimental e sim de uma pesquisa bibliográfica de revisão de literatura, restringiu-se as análises e percepções sobre como a Documentação Pedagógica *qualifica e potencializa o papel do professor* na Educação Infantil.

CAMINHOS QUE PERCORREM A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA: EM QUE BASES SE ALICERÇA A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA?

A pesquisa em pauta esteve atrelada a estudos de revisão de literatura e revisão bibliográfica, concebendo-as em perspectivas que buscam pelo conhecimento científico e sua atualização, numa atitude de investigação permanente, onde constrói-se, em estudos já realizados sobre um determinado tema, a completude daquilo que é objeto de investigação. Entende-se que a produção de conhecimento está em constante transformação e por isso reconhece-se a necessidade de acessá-la e reformá-la sempre que possível. A primeira etapa desta pesquisa baseou-se no levantamento de dados para revisão, o que para Lima e Miotto (2007) se caracteriza como primeira etapa da revisão bibliográfica. No caso desta pesquisa pretendeu-se o estudo e análise de bibliografia nacional e internacional que conceituavam a documentação como objeto de estudo e especulação. A segunda etapa metodológica exposta por Lima e Miotto (2007) trata da análise da documentação, ou seja, a partir do cronograma previamente estabelecido para a realização da pesquisa, realiza-se mapeamentos minuciosos que deem conta de estabelecer relações coerentes entre os materiais analisados e o tema estudado.

Num momento de síntese que integra os conhecimentos obtidos a partir da anterior análise bibliográfica, realiza-se a terceira etapa da pesquisa tomada por este referencial bibliográfico. Por fim, o processo investigativo investe na divulgação de seus resultados. Em outras palavras, a pesquisa bibliográfica pressupõe:

movimento incansável de apreensão dos objetivos, de observância das etapas, de leitura, de questionamentos e de interlocução crítica com o material bibliográfico que permite, por sua vez, um leque de possibilidades na apreensão das múltiplas questões que envolvem o objeto de estudo (LIMA; MIOTTO, 2007, p. 44).

O problema desta pesquisa esteve envolto em desvendar a forma como a Documentação Pedagógica potencializa práticas docentes e experiências infantis na Educação Infantil. A pergunta que buscou-se responder é: de que forma a Documentação Pedagógica pode potencializar o contexto das instituições de Educação Infantil?

Toda pesquisa pressupõe hipóteses e tomando por base os métodos e técnicas de pesquisas expostos por Gil (2008) e considerando os estudos previamente realizados para a produção desta pesquisa, considerou-se a hipótese de que a Documentação Pedagógica na Educação Infantil age como influenciadora e *possibilitadora* de experiências enriquecidas, em práticas em que os professores e as crianças podem se formar e realizar investigações sobre tudo aquilo que vivenciam em tais instituições.

Os referenciais acerca dos métodos de pesquisa bibliográfica, tais como Marconi e Lakatos (2003), Gil (2008) e Marigo e Braga (2015) corroboram para um entendimento comum: a pesquisa bibliográfica influencia a produção do conhecimento de modo que se ultrapasse o conhecimento informal ou popular – o senso comum – e alcance-se o conhecimento científico sobre determinado tema, neste caso, o tema da Documentação Pedagógica.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e direito da criança de 0 a 6 anos de idade instituído na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, lei 9394/96 (BRASIL, 1996). A partir deste marco, um conjunto de leis e políticas públicas foram sendo implementadas junto às instituições de Educação Infantil para que a singularidade da infância e as especificidades da criança pequena fossem colocadas em ação por meio das propostas pedagógicas e curriculares nas instituições a ela destinadas. A avaliação, quando mencionada na LDB (1996), é pensada como acompanhamento da criança e registro de seu desenvolvimento, sem intuito de promoção. Quando se menciona documentação, a LDB parece indicar a expedição de documentos e registros que atestem os processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), as instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos que permitam o acompanhamento do trabalho pedagógico e a visualização do desenvolvimento da criança, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação. Neste sentido, o trabalho docente estaria pautado na observação crítica e criativa de atividades, brincadeiras, experiências e interações das crianças no cotidiano, utilizando de múltiplos registros – pelos adultos e pelas crianças – sejam eles relatórios, fotografias, desenhos, álbuns, portfólios. De acordo com as DCNEI, deve ser produzida “documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil” (BRASIL, 2010, p. 29).

A formação do professor para o exercício da docência com crianças pequenas é peculiar assim como o é a criança e a instituição de Educação Infantil, no que diz respeito às suas demandas e as suas especificidades. Trata-se de tempos, espaços e concepções que diferenciam esta das demais etapas da Educação Básica, oferecendo entendimentos e objetivos diferentes aos profissionais que nela atuam. Assim, Fala-se de um professor que vai proporcionar experiências ao invés de dar aulas e que trabalhará com crianças e não com alunos. Estamos abarcando uma concepção de escola, de professor e de criança que entra em conflito com um modelo tradicional de ensino, com horários e tempos marcados para ensinar e aprender.

Pensa-se em um professor de Educação Infantil que favorece as diferentes linguagens da criança, que está interessado tanto no seu desenvolvimento integral quanto naquilo que a criança já é: sujeito que brinca, que se relaciona, que aprende e que

torna possível o aprender sobre o ser professor. Este professor de Educação Infantil é aquele que trabalha segundo os interesses e curiosidades das crianças, que está com elas em suas descobertas, que está aberto ao inesperado e que fundamenta sua prática num currículo flexível e emergente. O professor que se está conceituando é aquele que trabalha por projetos³ e também a partir de vivências e experiências que podem se tornar provocações para a proposição de projetos, envolvendo as crianças em todas as suas etapas de realização.

Em *“A pedagogia e a Educação Infantil”* de Eloisa Acires Candal Rocha (2001), tem-se indícios de qual seria a especificidade do professor da Educação Infantil no sentido de uma definição para uma Pedagogia da Infância⁴. A autora define e busca defender a necessidade de uma “pedagogia” diferenciada para o trabalho com crianças pequenas, ao considerar a escola de Educação Infantil diferenciada em seus fins e também em seus meios.

Barbosa (2010), mesmo que esteja tratando da ação pedagógica com bebês e não com a complexidade da ação pedagógica na Educação Infantil (crianças pequenas num todo), demonstra uma impressão sobre as crianças que é importante de ser comentada: a marca biológica. Ultrapassando concepções psicologizantes e biologizantes, ao se considerar a especificidade da Educação Infantil, considera-se a criança que já é em suas múltiplas dimensões e linguagens, possuidora de agência e de potência capaz de descobrir, conquistar e se relacionar com outros sujeitos. Barbosa (2010) aponta a necessidade de olhar para a potencialidade da infância.

A obra *“As cem linguagens da Criança”* (1999, 2016) foram revisadas e permitem organizar o pensamento a respeito do modo como a experiência de Reggio Emilia é importante para caracterizar e contextualizar o processo de produção da Documentação Pedagógica. Contempla-se, portanto, a intencionalidade de Loris Malaguzzi em criar escolas que sejam inspiradoras para as crianças pequenas, que enriqueçam seu potencial intelectual, emocional, social e moral, num ambiente cuidadosamente cultivado e orientado por profissionais competentes e comprometidos com sua Educação.

As famílias, em Reggio Emilia, são participativas no que diz respeito à construção e organização dos espaços, mas também do planejamento das experiências que serão proporcionadas às crianças e são base para o entendimento da história, das ideias e da filosofia da região. Num cenário pós Segunda Guerra Mundial, onde a Itália se encontra devastada por golpes, mortes e destruição, a construção de escolas arraigadas a um ideal de reconstrução política e social apresenta-se como oportunidade de soerguimento da população e da nação italiana.

Os professores em Reggio Emilia constantemente se veem inclinados à responder e atender demandas, mas a principal delas é Documentar, devendo descobrir modos de o fazê-lo, preparando fluxos constantes de informação com qualidade e respeito. Esse retorno que se dá para e com a família é o que torna a experiência das escolas italianas tão diferenciada quando comparadas às demais realidades da educação de crianças pequenas no mundo todo.

3 Na Educação Infantil, quando se fala em trabalhos por projetos, menciona-se em atividades e experiências que vão ao encontro daquilo que expressam as crianças por meio de suas diferentes linguagens. Assim, uma simples expressão infantil torna-se objeto de investigação fundamentada em procedimentos de investigação científica: hipóteses, pesquisa, contestação de hipóteses, resultados e síntese dos resultados. A respeito deste assunto, consultar também Barbosa (2008).

4 Oliveira-Formosinho, Kishimoto e Pinazza (2007) teorizam sobre uma Pedagogia da Infância.

A ideia, concepção, metodologia de trabalho denominada como Documentação pode ser entendida como a reunião, união e organização de registros (materiais) para o entendimento e compreensão de uma situação. Quando um registro pictográfico vem acompanhado de uma explicação (que seja sutil) do professor, torna o mesmo mais enriquecido em termos de interpretação. Katz (1999, p. 43) expõe:

Parece-me, então, que uma primeira lição da prática de Reggio Emília é que as crianças escolares e pré-primárias podem comunicar suas ideias, seus sentimentos, seu entendimento, sua imaginação e suas observações por meio da representação visual muito antes do que os educadores norte-americanos para a primeira infância presumem. As representações impressionantes que as crianças criam podem servir de base para hipóteses, discussões e argumentos, levando a observações adicionais e a representações novas.

A Documentação é uma forma de mostrar para as crianças que o que elas fazem é importante. Esta ideia de Documentação para valorização é defendida em Reggio Emilia e apresentada por Katz (1999) no capítulo que traz para discussão tudo aquilo que “Podemos Aprender com Reggio Emilia”. Fotografias em plena atividade, exposição de suas produções pictográficas, transcrição de suas indagações e de seus comentários, são experiências que além de poderem ser partilhadas pelo professor com a comunidade (de pais, de funcionários da escola, de outros professores, de membros da sociedade em geral), tornam-se reais, significativas, uma vez que as crianças passam a entender que o adulto considera seu trabalho e suas ideias com seriedade (KATZ, 1999).

A Documentação precisa ser aderida e orgulhosamente utilizada, passando a atingir o nível de concepção e não de mero instrumento. A Documentação mostra sucessos e fracassos, mostra o currículo que pode e será formado a partir das próprias crianças, “os professores seguem as crianças, não seguem planos. Os objetivos são importantes e não serão perdidos de vista, mas o porquê e como se chegar até eles são mais importantes” (MALAGUZZI, 1999, p. 101).

Para o planejamento, com base na documentação, considera-se que o professor irá observar atentamente as crianças e registrará tudo aquilo que se demonstrar significativo (num processo de atenção, curiosidade e pesquisa). O professor em Reggio Emilia age como aquele que estimula uma fagulha, como narra Gandini (1999) escrevendo o que as crianças dizem e depois lendo a elas os seus comentários, buscando *insights* que irão motivar novas questões e atividades ao grupo. A Documentação serve à memória, e por isso “Ao reviverem momentos passados através de fotografias e de gravações em fita, as crianças são profundamente reforçadas e validadas por seus esforços e recebem um incentivo à sua memória, o que é fundamental nesta idade” (GANDINI, 1999, p. 164).

Menciona-se como bases pedagógicas das escolas italianas, segundo Edwards, Gandini e Forman (2016), a educação progressista, o construtivismo de Jean Piaget e as psicologias sócio-históricas de Vygotsky. Depara-se com teorizações a respeito da “Pedagogia do bem-estar”, “Pedagogia do bom gosto”, “Pedagogia das relações”, “Pedagogia da continuidade”, “Pedagogia da participação”, “Pedagogia da Documentação” e “Pedagogia cultural”. Sobre a “Pedagogia da Documentação”, tem-se que se trata de um trabalho e de um processo daquilo que as crianças fazem,

permitindo que as crianças e o adultos revejam as experiências realizadas, renovem suas memórias e reflitam a respeito das mesmas.

Rever, renovar e repensar são conceitos que perpassam todos os capítulos do segundo volume de “As Cem Linguagens da Criança” e permitem considerar a Documentação como fortalecimento pela luta por uma Educação Infantil de qualidade na Itália. Trata-se, de acordo com Edwards, Gandini e Forman (2016), de uma “magnífica combinação entre comprometimento e determinação, pesquisa e experimentação, renovação e abertura – todos fortalecidos por anos trabalhando no refinamento de técnicas de comunicação e documentação” (p. 41).

Loris Malaguzzi considera que tudo sobre as crianças e para as crianças só pode ser aprendido *com elas* (GANDINI, 2016). Se as crianças possuem capacidade e potencial de decidir, de expor, de apresentar suas necessidades, seria traição que as necessidades para a educação das crianças não fossem garantidas a partir da *escuta* das mesmas.

Defende-se a postura do professor como aquele que observa e uma vez observando (seja a ação da criança ou a sua própria prática num processo de internalização), reflete e se desenvolve em sua profissão. Neste ponto dá-se atenção à Documentação conceituando-a como ferramenta recíproca (de troca), em que o professor oferece ações pedagógicas e recebe de volta para si materiais para sua própria formação.

O capítulo “*A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia*”, escrito por Carlina Rinaldi é essencial e central nesta pesquisa. Rinaldi (2016), de maneira muito sensível e perspicaz (uma vez que envolve o leitor naquilo que procura apresentar e defender a respeito da escuta), chama a atenção para o fato de que “escutar” é uma habilidade a ser aprendida, assim como o “observar” anteriormente apresentado. Os registros são apresentados por Gandini (2016) como formas, métodos, ferramentas de observação, sendo eles os vídeos, fotografias, gravadores de áudio, anotações, considerando que todas elas são importantes no processo pretendido de enxergar e entender as situações educativas. Observar é um processo que precisa ser aprendido, assim como ser observado.

Assim, para Rinaldi (2016), a escuta preconizada é sensível, leva tempo, gera curiosidade, produz perguntas, é baseada na emoção, está aberta às diferenças, valoriza o desconhecido, legítima e dá visibilidade (a diferentes sujeitos), é base para relações interpessoais, significando assumir a responsabilidade com algo ou alguém e compartilhar descobertas. A escuta é essencial para o professor que documenta. A escuta é o que torna a Documentação visível. Para Rinaldi (2016) a criança escuta a vida em todas as suas formas e cores e o professor passa a escutá-la junto desta.

Elucida-se, a seguir, o papel da Documentação Pedagógica na Educação Infantil em algumas das práticas investigadas no processo em que se pauta este artigo. Na seção a seguir, apresentam-se as revisões realizadas e os pontos teóricos que se tornaram proeminentes para a compreensão da Documentação Pedagógica como uma concepção de prática profissional docente.

O QUE DIZEM OS ESTUDOS SOBRE A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

A investigação, de modo diretivo, compreende o papel e a prática pedagógica de um professor que se forma e se vê comprometido com a educação de crianças

pequenas no sentido de lhes atribuir vida e significado às experiências educativas. Enfatiza-se o papel do professor como aquele que assegura o brincar dentro da instituição de Educação Infantil, que interage com as crianças de forma lúdica, que está preparado para lidar com os diferentes contextos de vida e de trabalho.

A compreensão geral do que é Documentação Pedagógica perpassa os seguintes itens: observar, registrar e refletir. Este último item é o que impulsiona a formação de um professor reflexivo e inicia o nosso debate sobre formação de professores. Por não ser esse o seu objetivo, as DCNEI (2010) em seu texto não apresentam a Documentação como possibilidade de formação de professores. Neste sentido, a Documentação apresentada na Lei (observar e registrar para avaliar o desenvolvimento, mesmo que sem intenção de promoção ou classificação, assim como instrumento que possibilita o acompanhamento da família do trabalho realizado na escola), é reformado, reformulado, reorientado no âmbito das práticas pedagógicas e dos contextos de educação institucional afim de contemplar a formação dos profissionais docentes. Este sentido de Documentação caminha à construção de um professor reflexivo. Na sequência apresentamos os resultados desses encontros:

“*Documentação Pedagógica: teoria e prática*” organizado por Suely Amaral Mello, Maria Carmen Silveira Barbosa e Ana Lúcia Goulart de Faria, reúne a tradução de dois pequenos livros sobre o tema Documentação Pedagógica que foram publicados em Barcelona, pela Associação de Professores Rosa Sensat. O livro conta, em linhas gerais, sobre uma trajetória de formação, auto-formação e formação em rede de professores e professoras. As autoras colocam três funções inerentes ao conceito de Documentação Pedagógica: uma função primeira que é política, de criar diálogo entre a escola, os professores e as famílias – permitindo um tripé educacional capaz de garantir qualidade e participação; uma segunda função que diz respeito ao acompanhamento da vida da criança, capaz de criar memórias e compartilhar vivências e uma terceira que é formativa ao reunir material pedagógico para reflexão sobre o processo educativo.

O que essencialmente pode-se retirar das contribuições de Mello et al (2017) é que a Documentação é um ato criativo, que exige múltiplos olhares e múltiplas interpretações. As autoras apresentam algumas estratégias metodológicas para a produção das documentações, citando os cartazes, filmes, fotografias, festas, exposições de produções infantis, tanto nas instituições como em diferentes espaços da cidade.

Referindo-se à formação do professor, um subtítulo que chama a atenção na primeira tradução estudada foi “*Oportunidade de voltar e ver-se*”. Mais do que o professor se ver naquilo que fez, a Documentação é oportunidade para que outros o vejam e possam ajudá-lo neste processo de construção do “ser professor”. “A documentação, não busca uma solução definitiva, não fecha portas, nem descobre verdades únicas, mas abre possibilidades e amplia horizontes para respostas que todos, de novo, podem inventar” (BONAS apud MELLO et al, 2017, p. 81)

A segunda tradução é do livro “*Documentar: aguçar os olhos para captar momentos*” e estão nele contribuições de professores e pesquisadores italianos, demonstrando grande influência do teórico Loris Malaguzzi. O sentido do livro paira em exigir detalhes sobre as experiências das crianças nas escolas de Educação Infantil, concluindo que existe certa pedagogia que abrange o dia a dia e que se constrói a partir das ações e das práticas (das crianças e dos professores).

O relatório de prática profissional supervisionada intitulado “*O papel da documentação pedagógica no desenvolvimento de um currículo emergente em educação de infância*” (GAMBOA, 2016), foi desenvolvido em torno dos questionamentos “Documentar porquê, para quê, quando e o que fazer com a informação daí retirada?”. A estudante preocupou-se em apresentar a Documentação, no âmbito da formação do professor, a consciência que é permitida que se tome do trabalho que desenvolve, possibilitada a partir de provas (registros) ocasionadas da própria prática profissional docente.

O relatório é desenvolvido em torno dos registros que são apresentados pela estudante, tomadas a partir de técnicas de observação (notas de campo, diários, registros fotográficos e registro em áudio). Dentre os objetivos da estudante, estavam aqueles referentes à necessidade de se aprender a documentar e a identificar os conhecimentos e necessidades das crianças através das evidências presentes na documentação pedagógica. Gamboa (2016) denomina os registros por “evidências documentais” e conceitos como reflexão, construção e organização de conhecimento e questionamento perpassam o relatório da estudante e dele extraímos o seguinte trecho, considerando-o o trecho sintetizador de suas reflexões:

“*A construção de práticas de registros e Documentação no cotidiano do trabalho pedagógico na Educação Infantil*” é uma tese de doutorado defendida em 2010 a qual nos debruçamos a estudar desde o início desta pesquisa. Os estudos de Marques (2010) deram subsídios para que se iniciasse o debate sobre Documentação pretendido e é a partir dela que buscou-se novas referências para chegar à conclusão de que o tema que estamos pesquisando é uma **concepção**.

A referida tese tem como objetivo analisar os registros e a Documentação não apenas como possibilidade de desenvolvimento profissional, mas também como possibilidade de organização institucional, a partir da construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) das instituições de Educação Infantil. Marques (2010) chega à conclusão de que a Documentação ganha força e suporte quando é inserido no PPP das instituições de Educação Infantil e mais ainda quando é aderida pela equipe pedagógica que compõe seu quadro docente.

Na sequência apresenta-se a tese sob o título “*A documentação pedagógica como processo de investigação e reflexão na Educação Infantil*” e é Mendonça (2009) quem mostra o conceito de “apropriação”. Os objetivos da pesquisadora giraram em torno de um estreito diálogo entre teoria e prática, a fim de possibilitar uma atitude mais consciente, intencional e reflexiva em relação à prática docente.

Mendonça (2009) elabora sua tese em torno de uma perspectiva teórica própria, que é a Psicologia Histórico-cultural, tomando como pano de fundo o tema da Documentação Pedagógica como auxiliar ao trabalho docente nas instituições de Educação Infantil. Pensa-se na organização do trabalho docente a partir de três elementos que são chaves neste processo: a observação, o registro e a reflexão. A pesquisadora perpassa o embasamento teórico da “Pedagogia da Escuta”, o que implica embutir ao trabalho do professor a observação atenciosa, o ouvir cuidadosamente e o acompanhamento com dedicação a todas as realizações infantis, registrando-as de modo metódico.

A obra “*Paixão de Conhecer o Mundo*”, de Madalena Freire (2004) reúne uma fantástica obra narrativa e visual de relatórios docentes datados de 1981. O livro traz relatos da autora enquanto professora de crianças pequenas na Escola da Vila e

nasce de sua necessidade em repensar-se como educadora. Na introdução do livro, a educadora, professora e pesquisadora apresenta o anseio por transformação e encontramos em sua obra motivos de sobra para que a Documentação Pedagógica seja considerada elemento e objeto para a formação de professores, formação esta que é tanto inicial quanto continuada, que é flexível, é bonita e é necessária.

Ao longo do livro podemos observar reproduções das ilustrações das crianças que compunham a turma de Madalena Freire em 1981. A obra traz além dos registros das crianças (das atividades e dos desenhos que realizavam), narrações da própria autora, comentários, interrogações e construções teóricas para uma memória de sua prática por meio do entrelaçamento de registros (diários, relatórios, desenhos – impressões). Madalena Freire comenta seus próprios registros e os registros das crianças e na última parte do livro são reproduzidas inúmeras ilustrações e depoimentos da professora construídos em parceria com as crianças. A obra é envolta em um sentido de autoria, onde professora e crianças são consideradas protagonistas de suas experiências numa dada instituição de Educação Infantil.

“O projeto dos claustros: no colégio D. Pedro V. Uma pesquisa cooperada sobre o processo de construção da qualidade” foi tomado como objeto de estudo por apresentar e designar uma prática referente a outro contexto que não o brasileiro de educação de crianças. A pesquisa de Oliveira-Formosinho e Azevedo (2002) teve como suporte os portfólios de intervenção que “são considerados instrumentos de documentação sistemática, colaborativa, contextual, portanto referente a um espaço, a um tempo e suas *experienciações*, que guardam a memória da intervenção cooperada como recurso para avaliar a formação em contexto” (p. 109). As intervenções mencionadas foram realizadas na Associação Criança, em Portugal.

Dentre os registros coletados na pesquisa, são citados as observações, as fotografias, áudios e vídeos, a pesquisa documental e entrevistas. Toda essa informação foi organizada em portfólios que passam a ser considerados “memórias partilhadas”, num processo reconstrutivo do pensamento e da ação. Identificamos como objetivos do projeto, dentre outros “a formação de educadoras para lhes permitir o desenvolvimento de um pensamento e de uma prática educativa com vários níveis de adequação” (p. 117).

É possível verificar em Oliveira-Formosinho e Azevedo (2002) o incentivo à Documentação como uma possibilidade que permite uma visão crítica dos educadores sobre suas práticas, desde a construção de seus espaços de trabalho, perpassando as necessidades avaliativas e de controles de qualidade. O projeto dos claustros propõe a aprendizagem da documentação pedagógica considerando-a uma prática para o desenvolvimento da reflexão e da democracia.

“Crianças na educação infantil: a escola como lugar de experiência social” (SANTOS; SILVA, 2016) é resultado de uma pesquisa realizada no âmbito da Educação Infantil numa Unidade Municipal de Educação Infantil de Minas Gerais. O artigo demonstra a forma como as fotografias e os trechos dos diários de campo do pesquisador são apresentados de modo a contemplar uma especificidade dos estudos sobre a criança e a Documentação Pedagógica, considerando a produção de cultura infantil e as experiências sociais das crianças. Os resultados da pesquisa (desencadeados das análises dos materiais registrados e produzidos no período de inserção dos pesquisadores na turma de crianças) demonstram uma forma particular de ser criança e a pesquisa caminha ao encontro da visibilidade que se faz

necessária às crianças nas pesquisas em Educação. As crianças são consideradas por Santos e Silva (2016) atores sociais, produtoras de cultura e inseridas num contexto de produção e reprodução de situações de vida que colocam em pauta as teorizações da Sociologia da Infância.

“*Documentação Pedagógica na Educação Infantil: estudando o conceito para aprimorar a prática*” (ALVES, 2015) é mais um exemplo de prática bem-sucedida considerada pertinente para esta pesquisa. A pesquisa foi realizada em nível de especialização e o objetivo esteve em verificar se o uso da documentação tem sido praticado de maneira satisfatória em ambientes específicos de Educação Infantil, correspondendo à realidade de creches particulares conveniadas à prefeitura de Belo Horizonte – MG.

Apresenta-se esta pesquisa com algumas críticas a serem feitas: é possível que alguém (de fora do processo de documentar), possa dizer se a prática da Documentação tem sido realizada de forma correta ou incorreta?; a pesquisa teve como objetivo verificar possibilidades de aprimoramento de práticas de registros e não de práticas pedagógicas, isso quer dizer que a Documentação demonstrou-se como um fim em si mesma e não como uma concepção; a pesquisa investe na observação e apontamento de lacunas no processo de Documentação e não prevê meios de adequá-la a uma concepção que seja comum a equipe de educadores que foi sendo investigada.

“*Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica*” (GOMES ET. AL, 2014) demonstra a forma como as narrativas se apresentam como recurso para a Documentação Pedagógica. O artigo considera a narrativa das crianças material ideal para compreender a infância, abrindo uma possibilidade também para a formação do professor de crianças pequenas. O que as crianças dizem possui valor e garante à elas um status legítimo de possuidoras de direitos. Considera-se a narração da vida uma ciência, ciência essa que como qualquer outra produz conhecimento – neste caso, sobre quem narra, sobre quem é narrado e sobre quem interpreta a narrativa.

“*Ambientes inclusivos na educação infantil: possibilidades e impedimentos*” (SEKKEL et al, 2010) traz uma nova possibilidade para a documentação, qual seja, a construção de ambientes e contextos significativos para incluir e possibilitar experiências de aprendizado às crianças ditas especiais, ambientes estes que integram a criança e que não permitem a exclusão. Podemos enxergar neste artigo a Documentação Pedagógica como possibilidade de repensar docente a partir da escrita de diários e narrativas. Verificou-se por meio da pesquisa que as professoras não mantêm um registro constante a respeito das atividades que propõem ou até mesmo das observações que fazem (o movimento de exclusão de determinadas crianças e a diferenciação entre meninos e meninas, por exemplo), observações estas que poderiam provocar mudança em suas posturas diante do que estão ofertando às crianças.

O artigo acima mencionado deixa claro a fragilidade da ação docente que não tem por base a Documentação. “Sem a documentação, a prática em sala com as crianças se esvai e a escola se torna uma instituição sem história, na qual todos são fungíveis e descartáveis, o que a todos fragiliza” (SEKKEL et al, 2010, p. 124).

“*Educadoras da infância pesquisando e refletindo sobre a própria prática em matemática*” (GRANDO E NACARATO, 2007) é interessante ao narrar um projeto

de formação continuada em que teoria e prática se entrelaçam e produzem significados sobre a prática docente. A documentação da pesquisa narrada no artigo é composta por registros reflexivos, observações e os registros das crianças. A Documentação na pesquisa realizada apresenta-se como ponto de partida para a reflexão de uma prática, uma vez que as professoras, ao *ouvirem a voz das crianças*, reconhecem suas práticas pedagógicas e as transformam em razão delas.

O estudo mencionado abre caminhos para a consideração de um professor reflexivo e também pesquisador. Grandó e Nacarato (2007) analisam o potencial formativo de professoras que analisam os registros das crianças e avaliam suas evoluções a partir dos mesmos.

Por fim, *“Il portfólio: strumento di documentazione”* (BENZONI, 1998) foi um desafio nesta pesquisa, considerando as dificuldades de tradução da língua italiana para a língua portuguesa. Tomamos este desafio como necessidade uma vez que ao longo de toda a pesquisa apresentam-se conceitos e concepções que partem da realidade da Itália.

Isabella Benzoni (1998) apresenta o portfólio como uma possibilidade de acompanhamento do processo formativo da criança, onde o professor observa e descreve uma realidade. O professor seleciona o que é pertinente à Documentação e pretende a partir desta seleção dar testemunho do que faz às crianças e do que elas fazem com aquilo que lhes é proporcionado.

A construção de um portfólio requer a conexão entre um interlocutor e um destinatário, ou seja, uma relação que se estabelece entre quem fala e quem escuta, quem mostra e quem vê, quem escreve e quem lê. O portfólio é ainda auxílio docente para sua autoavaliação. Faz-se necessário discutir com a criança sobre a funcionalidade da Documentação, num movimento que parte da escolha e da valorização dos registros e dos materiais posteriormente produzidos.

Foram estudados e analisados alguns outros textos (que trataram da avaliação, de ambientes diversificados para a escuta e a experiência da criança), porém considera-se para este momento que os estudos e exposições realizadas dão conta de demonstrar aquilo que inicialmente pretendeu-se, valorizando aqueles que de modo mais direto dialogam com a formação de professores da Educação Infantil

CONCLUSÕES TRANSITÓRIAS

A pesquisa aqui apresentada, nas entrelinhas, considera as crianças portadoras de múltiplas e variadas linguagens. Segundo Malaguzzi, estas linguagens são cem:

A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos/ cem pensamentos/ cem modos de pensar/ de jogar e de falar. Cem sempre cem/ modos de escutar/ as maravilhas de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar. A criança tem cem linguagens (e depois cem cem cem)/ mas roubaram-lhe noventa e nove (...) (MALAGUZZI, 1999).

Ao debruçar-se sobre o estudo da Documentação Pedagógica, teve-se, de forma indireta, o objetivo de configurar, encontrar, valorizar e compreender as cem linguagens das crianças, invertendo as lógicas da formação de professores de Educação Infantil que tendem a dialogar com perspectivas adultocêntricas, colonizadoras das infâncias, portadoras de modelos e de lógicas das escolas de Ensino Fundamental.

Ao pautar a formação do professor de Educação Infantil com base na escuta, no diálogo e no interesse pelas crianças, investe-se em novas lógicas e outros olhares para as crianças, para as infâncias, para o protagonismo destes sujeitos e para a potência de uma lógica de Educação Infantil que seja potencializadora e não podadora.

Além do mais, ao diferenciar a prática de produção de registros da prática de produção da Documentação Pedagógica em si, caracteriza-se momentos da ação pedagógica, enfatizando cada vez mais o olhar com outras lentes, a escuta atenta e sensível e o compromisso com as crianças e seus direitos. Assim, por registros, entendeu-se toda e qualquer tentativa de resguardar a memória do vivido, da experiência compartilhada e da situação tida importante nos processos educativos. Cada tipo de registro demonstra-se em sua potencialidade, expressos na seguinte síntese: é preciso ter foco para registrar. Seleciona-se três de seus tipos para elucidar algumas considerações: as fotografias, as filmagens e os diários de campo.

As fotografias, por exemplo, são subjetivas do ponto de vista da observação e do olhar daquele que fotografa. Seu impasse está em contemplar um tipo de registro que pode ser interpretado de variadas formas; as fotografias registram ações, atitudes e situações de interação, carregadas de sentido concreto quando acompanhadas de legendas. Já as filmagens possibilitam a visualização e a análise de uma situação de forma completa e não fragmentada. A disposição de uma câmera para captar as interações e as atividades das crianças permite a compreensão de experiências em suas totalidades. A filmagem considera o olhar de quem a realiza. Não é possível filmar tudo ao mesmo tempo; desta forma, escolhas são necessárias e são capazes de compreender posturas, comportamentos, interações, uso de materiais, oportunidades oferecidas às crianças, escolhas e formações de grupos.

A respeito dos Diários de campo, considera-se uma análise mais profunda e sensível de determinadas situações em produções carregadas de sentimentos e pensamentos, tais como certezas e incertezas, dúvidas, medos, inseguranças. No caso de Diários produzidos por professores, contempla-se a perspectiva de que os professores, ao narrarem suas próprias práticas e posteriormente às estudarem, num processo investigativo são capazes de delinear novos caminhos para suas práticas pedagógicas. Os Diários de Campo carregam impressões pessoais, julgamentos de valor, desabafos e situações de felicidade e angústia. Dessa forma, são instrumentos em potencial para o ir e voltar da própria ação docente.

Como processo de produção da Documentação Pedagógica, indica-se necessidade de união dos diferentes recursos utilizados para o registro das situações vividas e das experiências compartilhadas, num processo de reviver a memória e narrar a história de professores e de crianças em contextos de Educação Infantil. Neste sentido, defendemos a oportunidade que inaugura o trabalho com a Documentação Pedagógica, entendendo-a como uma ferramenta que capacita o professor e as instituições de Educação Infantil a olharem as crianças e suas experiências com mais cuidado, com escuta atenta, com capacidade de diálogo, transformando a vivência das crianças e a educação destinada a elas.

Por fim, confronta-se a Documentação Pedagógica com as experiências táticas, diárias e reais para perceber que são necessários novos modelos e novas bases para instaurar um processo de documentação que seja mais concreto e dinâmico ao contexto do trabalho pedagógico de professoras e professoras, afrontando medos, inseguranças e limitações da Educação Básica num Sistema de Ensino que tem se

demonstrado cada vez mais ineficiente e sempre mais estranho às concepções de criança, de infância e de Educação Infantil que a consideram sujeitos ativos, sociais e de direitos e esta último espaço para a promoção de interações e brincadeiras, com base em experiência inventivas e transformadoras.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. C. S. Especificidades da ação pedagógica com bebês. **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, 2010.
- BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BENZONI, I. **Il portfolío**: strumento di documentazione. Edizioni Junior.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Casa Civil, 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996b.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. 36 p.
- DAHLBERG, G. Documentação pedagógica: uma prática para a negociação e democracia. In: **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016, p. 229- 234.
- EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. Introdução: origens e pontos iniciais. In: **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016, p. 23- 43.
- EDWARDS, C.; FORMAN, G. Para onde vamos agora? In: **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 303-309.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. (orgs). **Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, M. **Observação, registro e reflexão - Instrumentos Metodológicos I**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.
- GAMBOA, A. M. F. M. O papel da documentação pedagógica no desenvolvimento de um currículo emergente em educação de infância. 2016. 53 f. **Relatório da Prática Supervisionada** (Mestrado em Educação Pré-Escolar) – Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa, Portugal.
- GANDINI, L. Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 145- 158.
- GANDINI, L.; GOLDBERGER, J. Duas reflexões sobre a Documentação. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (org.). **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- GANDINI, L. Histórias, ideias e princípios básicos: uma entrevista com Loris Malaguzzi. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016, p. 45-85.
- PASSEGGI, M. C. et al. **Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica**. Educação, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 85-104, 2014.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GRANDO, R. C.; NACARATO, A. M. **Educadoras da infância pesquisando e refletindo sobre a própria prática em matemática**. Educar, Curitiba, n. 30, p. 211-234, 2007.
- HOFFMANN, J. **Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 2012. 18. ed
- KATZ, L. O que podemos aprender com Reggio Emilia? In: **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 37-55.
- LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katál**, Florianópolis, v. 10, n. especial, p. 37-45, 2007.
- MALAGUZZI, L. História, Ideias e Filosofia Básica. In: **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio**

- Emília na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 59- 104.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARIGO, A. F. C.; BRAGA, F. M. **Em busca do conhecimento em educação**: fundamentos do trabalho acadêmico-científico. São Carlos: EdUFSCar, 2015.
- MARQUES, A. C. T. L. A construção de práticas de registro e documentação no cotidiano do trabalho pedagógico da Educação Infantil. 2010. 390 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo – SP.
- MARQUES, A. C. T. L.; ALMEIDA, M. I. A documentação pedagógica na Educação Infantil: traçando caminhos, construindo possibilidades. Cuiabá, **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 44, 2011, p; 413-428.
- MARQUES, A. C. T. L. **A documentação pedagógica no cotidiano da Educação Infantil**: estudo de caso em pré-escolas públicas. Florianópolis: 37^a Reunião Nacional da ANPED, 2015, p. 1- 18.
- MAVIGLIA, M. **Profettualità e didattica nella scuola dell'infanzia**. Bergamo: Edizioni Junior, 2000.
- MELLO, S. A.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. **Documentação Pedagógica**: teoria e prática. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.
- MENDONÇA, C. N. A documentação pedagógica como processo de investigação e reflexão na Educação Infantil. 2009. 135 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita”, Marília – SP.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; AZEVEDO, A. O projeto dos claustros: no colégio D. Pedro V. Uma pesquisa co-operada sobre o processo de construção da qualidade. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M. **Formação em contexto**: uma estratégia de integração. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. A. (orgs) **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado: construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- OSTETTO, L. E. (org.). **Registros da educação infantil**: Pesquisa e prática pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2017.
- OSTETTO, L. E. (org.). **Educação Infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- RINALDI, C. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. In: **As cem linguagens da criança**: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016, p. 235-247.
- SANTOS, S. V. S.; SILVA, I. O. S. Crianças na educação infantil: a escola como lugar de experiência social. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 1., p. 131-150. 2016.
- SEKKEL, M. C.; ZANELATTO, R.; BRANDÃO, S. B. Ambientes inclusivos na educação infantil: possibilidades e impedimentos. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 117-126, 2010.
- ZABALZA, M. A. **Diários de Aula** - Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Porto: Porto Editora, 1994.